



O SENTIDO DOS ESTUDOS BRASILEIROS NA ATUALIDADE

Wolney Unes

Quando, no início dos anos 1960, Agostinho Silva propôs os Estudos Brasileiros, ele enfatizou especialmente dois objetivos. Uma necessidade era o conhecimento de nosso espaço, de nossos conterrâneos. Apenas por meio do conhecimento e do entendimento de nosso ambiente vital é que conseguiríamos nos desenvolver como nação. Mas, talvez ainda mais seminal, Agostinho enfatizava ainda a possibilidade de propor uma alternativa à proposta europeia de desenvolvimento humano – já naqueles anos 60 ele a via como decadente, fadada ao estacionamento, excludente e terminal. Hoje, estamos aqui 50 anos depois, diante de uma realidade algo distinta daquela de Agostinho.

De fato, nesse meio tempo avançamos bastante nos Estudos Brasileiros. O conhecimento acerca de nosso espaço vital, de nosso povo, de nossos anseios, expectativas, de nossa cultura, é grande. Vimos como nação cada vez mais nos firmando como interlocutores no cenário mundial.

Mas parece haver ainda algo a avançar. Se nesses 50 anos aprendemos a nos conhecer, parece termos perdido algo da consciência nacional em algumas frentes. Um breve passeio por algumas de nossas premissas culturais, técnicas ou políticas evidencia aquilo que Néelson Rodrigues tão bem designou de Síndrome do Vira-Lata.

Vejamos por exemplo já a primeira interface de contato entre as pessoas, nossa linguagem, já evidenciando sinais dos tempos. Em nossa geração, por exemplo,

divertíamos-nos com a personagem Sininho, com o Super-Homem ou os simpáticos homenzinhos azuis, os Strumpfs. Hoje nossas crianças gostam mesmo é de “Tinker Bell” e dos “Smurfs”, e assistimos agora filmes do “Superman” ou do “Spiderman”. Esses exemplos, aparentemente banais, encerram uma faceta de nossa consciência linguística, tendo aberto caminho para a simples importação de conceitos e nem nos preocupamos mais em criar nossas palavras para descrever o nosso mundo – resumimo-nos a meramente utilizar os óculos estrangeiros para com eles ver e interpretar o mundo.

Não há mal algum, a princípio, em usar óculos alheios. O problema está em usar esses óculos sem prévio exame ou análise, procedimentos que diriam que tipo de óculos usar apropriadamente e em qual caso.

Ainda no campo da linguagem, introjetamos um conceito difuso sob o rótulo de “primeiro mundo” como adjetivo a qualificar tudo aquilo que haja de bom, eficiente e eficaz no planeta. Sintomaticamente, excluímos-nos desse mundo idealizado, colocando-nos à parte, num suposto “segundo”, “terceiro” – quiçá nunca no “quinto”! – círculo.

Conscientemente identificamos ilhas de excelência em nosso país, entidades e equipamentos de “primeiro mundo” – como um estudante dia desses me contava de tal faculdade particular com suas salas brancas sem cartazes nem pichações, estacionamentos à porta e vigias em impecáveis ternos pretos pelos corredores.

Sim, pois deixamo-nos seduzir pelo canto de sereia do desenvolvimento tecnológico, do qual vislumbramos a casca externa, sem ultrapassar a superfície externa. Para deixarmos o campo da linguagem, exemplo disso são nossas cidades com seus modelos urbanísticos das classes A. Vimos abandonando nossos modelos tradicionais e nosso ideal de vida urbana hoje passa pelo arremedo do condomínio suburbano norte-americano e pelos shopping centres. Adotamos aqui a aparência física e aparente segurança, mas deixamos de lado aquilo que no tal “primeiro mundo” torna tais condomínios habitáveis: o transporte suburbano, as escolas públicas com seus transportes escolares e sistemas de matrículas por bairros, apenas para ficarmos na problemática dos deslocamentos – assunto de especial interesse em nossa cidade nos dias atuais.

Já que estamos a falar de bairros e cidades, poderíamos lembrar nossa arquitetura, que já há algum tempo não se preocupa em ser brasileira, tendo abandonado soluções vernáculas, muitas vezes mais apropriadas que modelos alegre e ingenuamente importados.

E poderíamos continuar nosso passeio por outras linguagens, como a música que vem abandonando sua regionalidade para inserir-se na lógica pop, entre muitas outras. Mas não queremos aqui cair na armadilha tão bem identificada por Charles Snow: a intelectualidade das ciências humanas só vislumbra o pessimismo e o saudosismo, ao passo que a intelectualidade das ciências tecnológicas se entusiasma com o otimismo por sucessivos avanços. O segredo – como sempre – pode estar no equilíbrio entre os dois extremos: buscar o avanço do conforto tecnológico sem lamentar-se pela perda de certas tradições; saber medir o impacto de novas tecnologias sem perder a força dos usos e costumes.

Assim, se hoje já não exibimos aquele desconhecimento identificado por Agostinho Silva, hoje a tarefa que se vislumbra aos Estudos Brasileiros parece ser de outra categoria; se conhecemos nosso acervo, nosso manancial, hoje cumpre analisá-lo, criticá-lo e avaliá-lo ante os acervos culturais e sociais e econômicos de outros povos. A hierarquização proposta pelo modelo de um primeiro, um segundo mundo, um quarto mundo, talvez não seja o melhor modelo. Talvez um modelo possível seja o de mundos paralelos, realidades concomitantes, diferentes entre si, sempre legítimas – algo como o que já propugnava Agostinho 50 anos atrás, e que outros intelectuais europeus continuam a nos cobrar, como o italiano Domenico de Mais, que recentemente reiterou aqui no Brasil sua expectativa acerca de uma proposta de desenvolvimento humano e organização étnica distinta da europeia.

Nesse cenário, nada mais oportuno que retomar os EB, certamente num outro estágio. Nada mais oportuno, portanto, que retomar as atividades do CEB neste cinquentenário de sua fundação.